



4.

FUNDAMENTOS PARA A ATUAÇÃO DE TRADUTORES/ INTÉRPRETES DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM PRODUÇÕES CULTURAIS

Ernani Nunes Ribeiro⁷

Introdução

A inclusão vem como uma ferramenta contra as diferentes formas de barreiras, sejam elas arquitetônicas, comunicacionais ou atitudinais. Vem contra o segregacionismo, para garantir o acesso das pessoas com deficiência a ambientes antes negados por apresentarem tais barreiras. A inclusão social não clama mais, ela age na construção de uma sociedade plural, respeitadora das diferenças de cada sujeito, de sua independência e de seu empoderamento.

Uma das formas de assegurar a acessibilidade da pessoa surda em produções culturais é garantir a tradução/interpre-

7. Mestre em Educação Inclusiva, pela UFPE. Historiador especialista em Artes e História das Religiões, pela UFRPE. Pesquisador e professor da disciplina de Língua Brasileira de Sinais – Libras, na Universidade de Pernambuco - UPE e na Faculdade Santa Catarina – FASC. Contato: ernaninribeiro@gmail.com.



tação do evento para a Língua Brasileira de Sinais – Libras. As línguas de sinais são línguas de comunidades de pessoas surdas no Brasil e no mundo. Ao contrário do que muitos imaginam, as línguas de sinais não são simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados por pessoas surdas no processo de comunicação. O que diferencia as línguas de sinais das demais línguas é a sua modalidade visual-espacial. Apresentaremos neste texto breves apontamentos sobre língua de sinais, sobre pessoas surdas e sobre produções culturais acessíveis.

4.1. Compreendendo a língua de sinais e o contexto das comunidades das pessoas surdas

Em 24 de abril de 2002, o Brasil reconheceu a Libras como instrumento legal de comunicação e expressão, pela Lei 10.436. Destacamos dois parágrafos:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2. Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

A Libras está presente numa pessoa por meio de expressões e de sinais, contínuos ou intervalados, exercidos pelo corpo. A língua de sinais não é formada por mímicas, como já falamos. Ela é formada por uma gramática que, como todas as línguas, possui os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico. Essa gramática rege os sinais a partir de parâmetros. São eles: a) configuração da mão; b) ponto de articulação; c) movimento; d) orientação; e) expressão facial-corporal.

Os sinais, nesse caso, são considerados como as palavras (sonorizadas) em línguas orais. A Libras possui modificações de sinais para uma mesma palavra e, por muitas vezes, um vocabulário enriquecido por gírias.

Considerando que vivemos numa sociedade de línguas orais, os sujeitos que não se comunicam por meio desse tipo de língua sofrem limitações nas interações sociais.

As pessoas surdas necessitam de acessibilidade comunicacional, com o uso da língua de sinais e traduções simultâneas em espaços públicos e produções culturais, para terem acesso ao máximo de aproveitamento, seja num espetáculo teatral ou numa mostra de artes plásticas.

4.2. Língua de sinais, intérprete de Libras e produções culturais

Sacks (2009), discutindo sobre a temática do Ser surdo, questiona:

O que é necessário [...] para nos tornarmos seres humanos completos? O que denominamos nossa humanidade



dependerá parcialmente da linguagem? O que acontece conosco se não aprendermos língua alguma? A linguagem desenvolve-se de um modo espontâneo e natural ou requer contato com outros seres humanos? (SACKS, 2009, p 41)

Ser incompleto nas relações de linguagem, para um ser humano, é uma das barreiras mais penosas, porque é por meio da língua que nos comunicamos com nossos iguais, adquirimos e compartilhamos conhecimentos (SACKS, 2009, p. 22).

A língua de sinais é uma língua natural, e surgiu com a comunicação entre os indivíduos surdos, bem como com a comunicação entre pessoas surdas e pessoas ouvintes. A Libras, assim como as línguas orais (português, inglês, espanhol etc.) não é universal. Cada país possui a sua língua de sinais, com as devidas variações que ocorrem entre os países de mesma língua.

Dado esse contexto, o profissional intérprete da Língua Brasileira de Sinais, como qualquer outro intérprete, precisa ter o domínio dos sinais e principalmente da língua falada do seu país, para atender ao processo de tradução. Alguns itens são muito importantes para a atuação de um intérprete como, por exemplo, ter: formação específica; ética profissional; fidelidade à interpretação; imparcialidade e discrição, em todos os sentidos.

Este texto trata do uso de tradução/interpretação em eventos culturais. Enfocaremos a tradução em espetáculos teatrais, porém os caminhos traçados podem e devem ser adaptados para as mais diversas produções culturais.

No espetáculo, o intérprete de Libras surge discretamente sob um foco de luz âmbar. Ali, ele traduz com sinais sincrônicos as vozes e sons dos personagens. A Libras expressada pelo corpo do intérprete complementa o contexto da obra, harmonizando-se ao espetáculo, rompendo a lacuna comunicacional; a Libras neste contexto traz a emoção antes silenciada pela falta da acessibilidade.

A fim de apresentar os passos para atuação de intérpretes de Libras em espetáculos, apontaremos alguns caminhos possíveis para a contratação, a preparação e a atuação desse profissional.

Sugerimos o processo de escolha do profissional a partir de três critérios:

1. Fluência em Libras;
2. Conhecimento (linguístico) de português;
3. Amplos conhecimentos culturais.

Para o processo de tradução, o intérprete de Libras fará uso dos léxicos tradutórios que construirão a melhor adaptação linguística entre a Libras e o texto em português.

As melhores traduções são aquelas que permitem ao espectador a apreciação da informação de uma maneira completa, que contemple o todo e tenha sentido na sua contemplação.

Para que haja a plenitude no trabalho de tradução, o intérprete que for atuar na produção cultural deve buscar atender os seguintes passos:

- 
- a) Primeiro, antes das apresentações, estudar o roteiro e buscar compreender as particularidades do texto (piadas, sarcasmo, ironia);
 - b) Traduzir o texto do português para Libras;
 - c) Assistir aos ensaios para ajustes na tradução;
 - d) Ensaiar, junto com os atores, quando as marcações já estiverem postas;
 - e) Trabalhar, na expressão corporal, o desenho dos personagens, expressando o perfil de cada um deles;
 - f) Ajustar a tradução, construindo uma movimentação harmônica da Libras com a fala dos personagens, por meio de movimentos lentos e bruscos;
 - g) Posicionar-se, no momento do espetáculo, no palco, ao lado da apresentação da peça.

Diante da grandiosidade de um espetáculo, o intérprete deve buscar caminhos para atender e para equivaler o apelo estético da obra. Seu trabalho deve começar com o estudo do texto. Ter acesso ao roteiro e a alguns textos comentando a obra. Tal estudo apontará para o vocabulário específico, para as rimas nas músicas, e para a velocidade dos acontecimentos na trama.

Nos ensaios, diretor e intérprete devem fazer as adaptações no que tange: à velocidade da tradução; ao tempo de tradução em cada momento do evento; e às caracterizações dos personagens.

Muitos espetáculos têm um destacado trabalho de expressão corporal. Nesses casos, o intérprete deve trabalhar muito bem suas expressões, para que, quando em cena, não fique um ser estranho ao contexto, rompendo o apelo estético da obra.

A resposta a um bom trabalho de tradução vem do público. As escolhas e os caminhos feitos pelo tradutor devem atender à estética do espetáculo, sem perda do acesso à informação por parte do espectador. Os desafios serão muitos para garantir a acessibilidade nesse novo gênero de interpretação/arte.

Considerações Finais

As contribuições deste texto permitem ampliar um conceito, o da inclusão social, bem como, de uma técnica, a da tradução para produções culturais. Em suma, a inclusão depende, primordialmente, de reaprendermos a reconhecer a potencialidade inerente a todo ser humano em sua maior expressão: a diferença.

As pessoas surdas constituem uma minoria linguística, não tendo, na maioria dos casos, acesso a produções culturais, por causa da segregação. Tal situação coloca, portanto, as pessoas surdas como um grupo em desvantagem. Isso se dá, em parte, porque a língua oral é quase que exclusivamente a única língua falada/usada em cinemas, teatros, mostras e museus. Assim, pessoas surdas que falam apenas Libras necessitam de acessibilidade comunicacional, que muitas vezes pode ser suprida por intérpretes nesses locais.



Com acessibilidade comunicacional é possível que numa noite de espetáculo, com a casa cheia, entre artistas e apreciadores, haja pessoas surdas, que poderão ver ao lado do palco o intérprete, traduzindo para Libras, som do mar, o canto, as falas, o silêncio e a música, ampliando a emoção que o espetáculo por si só apresentaria.

Referências bibliográficas

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; CAPORALI, Sueli Aparecida. *A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito*. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/Ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

GESSER, Audrei. *Libras? Que língua é essa?* Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Editora Parábola. Setembro de 2010.

SACKS, Oliver. *Vendo vozes - Uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.